

Especulação acerca da “Filosofia”

Antônio Jorge Soares *

Data de submissão: 29 nov. 2008

Data de aprovação: 30 jun. 2009

Resumo

Não obstante a Filosofia seja, ao lado, talvez, das Matemáticas, a forma mais antiga de conhecimento racional sistemático, muita gente desconhece o que ela significa, qual seu objeto de estudo e qual papel que ela pode exercer sobre o que fazemos e sobre o que acreditamos. O presente texto, sem pretender oferecer uma abordagem exaustiva e completa, uma vez que isto não é ainda possível, almeja oferecer, no entanto, uma proposição que possa, quiçá, lançar alguma luz sobre esta questão. Para isto será dividido em cinco tópicos: do objeto de estudo da Filosofia, a crise paradigmática ou do desdém à Filosofia, caracterizando a Filosofia, do caráter genuíno da Filosofia, considerações finais.

Palavras-chave: Filosofia; especulação; desdém; dominação; liberdade; definição.

Abstract

Philosophy, and, perhaps too, Mathematics are the first rational forms of understanding the world. But, if Mathematics is known, Philosophy is still very little known. In fact, “what is Philosophy?” is still a question out definitive answer. This text intents to approach that question. For that, it will be divided in five topics: the object of study of the Philosophy, the paradigm crisis or of the disdain to the Philosophy, a characterization the Philosophy, the genuine character of the Philosophy, final considerations.

Keywords: Philosophy; speculation; disdain; domination; freedom; definition.

* Professor Adjunto de Filosofia da Ciência e Metodologia Científica do Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Central, Mossoró-RN. Doutor e Mestre em Filosofia da Educação pela UNICAMP; Especialista em Lógica, Filosofia e Metodologia da Ciência pela UFRN.

1. Introdução

Ninguém acha estranho ouvir alguém indagar “O que é Filosofia?”, “Para que Filosofia?”, “Por que estudar Filosofia?”, mas acha estranho alguém perguntar “o que é Física?”, “o que é Química?”, “o que é Matemática?”. Dizendo isto de uma outra maneira, não é comum encontrar alguém indagando “o que é Física?”, “o que é Química?”, “o que é Matemática?”, mas parece ser algo bem natural perguntar-se “o que é Filosofia?”. Por que será que isto ocorre? Há alguma razão oculta o suficiente que não se revela à primeira vista subjacente a este estado de coisas? O presente texto pretende especular a respeito da palavra “Filosofia” na esperança de poder contribuir no direcionamento destas questões.

Com efeito, no mundo não-acadêmico, por olhar as coisas de fora, é corrente ouvir alguém dizer que, ante o grau de especialidade que alcançou a ciência contemporânea, não há mais lugar para a Filosofia, uma vez que ela teria perdido seu objeto de estudo para as ciências particulares. Este ponto de vista, por vezes, é reforçado também por alguns acadêmicos. Todavia, uma leitura mais atenta da questão vai apontar o quanto este ponto de vista está longe da verdade e o quanto ele é prejudicial à sociedade e à qualidade de homem que a vida acadêmica pretende formar.

Ora, a Filosofia, cujo nome é formado por justaposição de dois nomes gregos, “filo” e “sofia”, que significam, respectivamente, “amigo” e “sabedoria”, já foi considerada a “Mãe de todas as demais ciências”. Dela, com exceção feita talvez às matemáticas, todas as demais ciências particulares ou vieram diretamente ou foram originadas a partir de uma ciência que tivera origem na Filosofia. Não é de estranhar, pois, que Newton tivesse designado sua principal obra de *Princípios matemáticos de filosofia natural* e que a opinião que aludimos acima tenha afirmado que não há lugar mais para a Filosofia ante o advento da especialidade do conhecimento científico. Entretanto, Heisenberg, um dos pais da Física Quântica, confessara que estudava Platão no telhado da escola onde subia para se aquecer no frio sol da Dinamarca; Einstein era um profundo conhecedor das obras filosóficas; Carl Sagen demonstrara em suas obras grande conhecimento das concepções filosóficas do universo; Stephen Hawking tanto em *Uma breve história do tempo* quanto em *O universo numa casca de noz* comenta com propriedade várias concepções filosóficas da ciência. Por que estes gigantes da ciência dedicariam seu precioso tempo lendo

Filosofia, se ela não lhes pudesse dar algo de precioso? Contudo, parece que é por terem antes uma visão profunda da Filosofia que eles foram capazes de enxergar tão longe e de darem uma contribuição tão valiosa aos seus respectivos ramos da ciência.

2. Do objeto de estudo da Filosofia

Mas, então, de que trata a Filosofia? Sobre o que os filósofos têm se debruçado durante a vigência de mais de dois mil e quinhentos anos de existência da Filosofia, se tomarmos, como faz a tradição, Tales¹ (624-548 a.C.), como o primeiro filósofo? Ao se examinar a História da Filosofia, detecta-se a presença constante de três campos do conhecimento que são estritamente filosóficos, a saber: (1) a Ontologia, o estudo não do ser individual como fazem as ciências particulares, mas do ser universal, do ser que forma a unidade, do uno. Não interessa à Ontologia, por exemplo, o estudo do homem sob o aspecto das relações de troca, das relações sociais, da cultura, da etnia, da fisiologia, mas o que consiste ser homem, i.e., o que há no ser homem que o torna singular, a ponto de não ser confundido com o ser não-homem? Assim é que, sob a égide da Ontologia, a Filosofia almeja alcançar uma visão unificadora daquilo que se apresenta à primeira vista como um amontoado complexo de aparências que cai sob o campo perceptível do humano. A Ontologia apresenta-se, desta maneira, como a primeira grande área de estudo da Filosofia, uma vez que sem se explicitar o ser, o objeto de estudo, não pode haver conhecimento. (2) a Gnosiologia ou a Teoria do Conhecimento, como é comumente conhecida, diferindo da Epistemologia, a qual estuda os fundamentos teórico-metodológicos das ciências particulares, pretende abordar questões do tipo: é possível se conhecer algo com certeza? Há um limite para o alcance do conhecimento humano? O que é a verdade? Quando podemos afirmar que estamos de posse da verdade? Por fim, (3) a Teoria dos Valores, na qual se inserem a Ética, estudo do agir bem, e a Estética, estudo do fazer bem. A primeira trata dos padrões morais da conduta humana e a segunda trata dos padrões de perfeição da arte. A primeira inclui todo ato humano na sociedade, inclusive a Política e a aplicação da ciência. Se alguém pretende atirar em

¹ Tales estava no auge em 585 a.C., ano em que ele previra, pela primeira vez entre os gregos, um eclipse solar. Os astrônomos contemporâneos datam este fato para o dia 28 de maio de 585 a.C.

outrem para matar, pela Estética, deve atirar no ventrículo esquerdo, por exemplo, concretizando o ato no molde mais perfeito possível, mas, pela Ética, ao tirar a vida de uma pessoa, cometerá um ato condenável. Eis a distinção básica entre agir bem e fazer bem e a explicitação, ainda que grosseira, do campo de estudo específico da Filosofia.

3. A crise paradigmática ou do desdém à Filosofia

Qual, então, a razão que se esconde por trás daquele ponto de vista que objetiva excluir a Filosofia do âmbito dos estudos valiosos para a sociedade tecnológica atual? Primeiramente, os avanços da ciência e da tecnologia têm gerado uma mentalidade de consumo e de competição, ao lado de um certo pragmatismo vulgar que tem assumido a vanguarda do cotidiano do homem tecnológico atual. O mais prático, o mais imediato, aquilo que não o faça mais perder seu pretensioso precioso tempo, do qual já não mais dispõe, de maneira que já não vê seu próprio filho crescer, já não pára para olhar a beleza de uma flor no seu caminho, já não escuta mais o canto dos pássaros e daí à esquizofrenia é só um passo. Este novo homem tecnológico, que não pode parar para pensar, há muito deixou de ser humano e tornou-se uma máquina de carne e ossos que não dá mais valor à vida, sua e de outrem, e age como se não houvesse valores e padrões elevados de comportamento humano. Isto, talvez, explique a disseminação da violência, em suas mais variadas formas, no seio da sociedade tecnológica atual.

Ao lado disto, entretanto, há um projeto de dominação que o cultivo da Filosofia poderá desmascarar. De fato, enquanto a concepção de mundo de uma sociedade dada repousa, em estado letárgico, sobre patamares dogmáticos que, malgrado, ainda promovem um certo funcionamento aceito pela classe dominante e pelo povo dominado, um determinado conformismo se instaura e as ciências, pouco acostumadas a analisar seus fundamentos, assumem a vanguarda, como modelos a serem perseguidos.

Mas, por sua própria característica, este estado de coisas não pode durar muito e entra, inexoravelmente, em crise. Inicialmente, a classe dominante reajusta sua concepção de mundo e, por meio de recursos que estão a seu alcance e domínio, faz o povo aceitar que esta crise é passageira e que está plenamente sob controle. Todavia, quando a crise se agrava, a classe dominante perde o controle, seus meios de persuasão já não funcionam, o povo percebe o engodo e a ciência deixa de ser modelo, para,

em seu lugar e em regime de urgência, convocar aquela que, durante a vigência de todo estado dogmático, tinha sido considerada, por quase unanimidade, a mais vil e a mais desprezível das criações humanas: a Filosofia.

Mas, se a Filosofia é tão desprezível assim, por que se recorre a ela em momento de crise? Por outras palavras, parafraseando amantes enciumados, o que é que a Filosofia tem que as ciências não têm? E mais, se a Filosofia não consegue gerar tecnologias, não gera artefatos ou coisas semelhantes, como poderá contribuir na resolução de uma crise de origem material? Em primeiro lugar, as ciências estão presas a um determinado empirismo metodológico, sem o qual as teorias científicas seriam desprovidas de conteúdo e deixariam de tratar do mundo dito real. Em segundo lugar, um dos objetivos da ciência, senão o mais importante, é construir esquemas teóricos explicativos suscetíveis de, a partir de dados disponíveis e sob certas condições dadas, predizer o que poderá vir a ocorrer dentro de uma determinada margem de erro, de preferência, relativamente pequena. Em terceiro lugar, as soluções aos problemas do mundo apresentadas por uma determinada sociedade, num contexto dado, caducam, tornam-se obsoletas ante as transformações sofridas pelas concepções ali vigentes, quer a partir dos resultados das pesquisas da ciência, quer a partir dos avanços das organizações sociais, levando irremediavelmente à falsidade das, antes, tão decantadas verdades das ciências, do senso comum e, por conseguinte, da classe dominante. Ora, é justamente este estado de caducamento das verdades até então assentadas e que norteavam as ações e os valores criados e assumidos pelos homens viventes numa coletividade que se denomina “crise”.

4. Caracterizando a Filosofia

Diferentemente da Ciência, a Filosofia não está presa a um empirismo metodológico, uma vez que seu método primordial é a especulação. Como consequência disto, a Filosofia não almeja lançar qualquer conjectura explicativa ou preditiva a respeito do que quer que seja, pois sua atividade consiste em questionar; não está assentada em concepção única de verdade alguma, nem mesmo na que professa que “tudo é relativo”, mas se esforça por expor as dificuldades subjacentes e inerentes a cada concepção de mundo, procurando sugerir o quanto é difícil pensar em cada situação

examinada. Ora, uma primeira diferença entre a Filosofia e a Ciência reside na resposta à pergunta: “há progresso?”. Se esta pergunta for dirigida à Ciência, a resposta, então, será “sim”. Mas se esta indagação assumisse a forma de “há progresso em Filosofia?”. A resposta seria “não”. A razão disto repousa na característica básica das genuínas questões filosóficas. Com efeito, as questões genuinamente filosóficas são, desde os primórdios, as mesmas e qualquer tentativa de apresentar solução para elas repousa num pressuposto dogmático, segundo o qual a verdade pode ser alcançada. Os filósofos que, contra esta máxima, ousaram apresentar solução ou explicação viram o desenvolvimento ulterior da ciência mostrar a fragilidade daquilo que acreditavam que estava solidamente assentado.

Contudo, se a tarefa primordial da Filosofia é apenas pôr as questões, como poderá contribuir na resolução da crise, se a crise não passa de um amontoado de questões? É que o amontoado de questões posto no período de crise não são questões de caráter filosófico. Aquelas se restringem a “como voltar a pôr em funcionamento o que já não funciona?”. Os filósofos, por seu turno, atacam a raiz do problema e indagam “qual a origem, quais os fundamentos nos quais estavam apoiadas as verdades aceitas dogmáticamente na construção da concepção de mundo vigente e que, agora, se acham em crise?”. Note que a abordagem é diferente: a primeira se preocupa com os galhos; a segunda se dirige às raízes.

5. Do caráter genuíno da Filosofia

Mas se é assim, por que não se recorreu à Filosofia antes da crise ocorrer ou mesmo antes dela se agravar? Porque a Filosofia, tal como prescreve o Evangelho, “não deixa ficar pedra sobre pedra”, fornece uma ferramenta poderosa capaz de fomentar revoluções sociais, implantar a desobediência civil, instaurar a crise nas visões dogmáticas e destronar reis, imperadores, déspotas e classes dominantes aliciadoras dos sonhos dos povos. E ela faz isto apenas fornecendo subsídios para cada um pensar com e por meio de sua própria cabeça, de modo que se torne capaz de discernir o que se encontra por trás de cada discurso e de não aceitar verdades assentadas, sem antes ter passado pelo crivo da crítica criteriosamente construída.

Mas, se à Filosofia a classe dominante recorre em tempos de crise, não seria por que a Filosofia está a serviço de tal classe, concorrendo para a resolução da crise e para reinstaurar a dominação, como teria feito

Heidegger ao apoiar o nazismo na Alemanha? Primeiramente, a Filosofia não deve ser confundida com doutrinação. Esta é dogmática e está a serviço daqueles que dizem ter encontrado a verdade ou ter apreendido a visão do paraíso. Em nome desta visão do paraíso, justificam as maiores atrocidades, como foram os casos da Inquisição e do nazismo, de modo que seria plenamente justificável que aqueles que não detivessem a visão do paraíso fossem obrigados a seguir tais e tais ditames, sob pena de se perderem.

A Filosofia, no entanto, se ergue contra este estado de coisas e esforça-se por mostrar o quanto é difícil pensar: pensar o homem, pensar a verdade, pensar os valores, pensar a conduta humana, pensar as concepções de universo formuladas pelo homem. Por outras palavras, a Filosofia não põe respostas, mas apenas questões, uma vez que o filósofo, alguém que aprendeu, a duras penas, diga-se de passagem, a se desvencilhar do preconceito de que algum humano possa vir a estar conscientemente de posse de um conhecimento seguro, objetivo, definitivo e verdadeiro, a respeito do que quer que seja, não detém respostas, fórmulas prontas ou algo semelhante. O filósofo não se posiciona tentando mostrar que ele tem razão ou que o que ele está expondo naquele momento deva ser tomado como uma verdade última e, portanto, definitiva. O filósofo, ao proferir seu discurso, almeja apenas explicitar as dificuldades inerentes à possibilidade de aceitação de uma ou de outra tese rival em debate. E ele faz isto explicitando as questões que alimentam um oscilar ora para um lado ora para outro em cada situação-problema em exame.

À primeira vista, tende-se a tomar esta tarefa que caracteriza o filosofar, pôr as questões, como algo fácil e até dispensável. É que uma sociedade educada para o consumismo e para o conformismo, embalados pela sofisticação da máquina que reduz a atividade humana a um simples apertar botões, não sente necessidade de pensar. Todavia, Fernando Pessoa já ensinava que “pensar é estar doente dos olhos”, pois só quando a ordem estabelecida é quebrada, quando os sentidos já não oferecem uma resposta satisfatória, é que o pensar é requisitado. Rubem Alves diz que mais do que estar doente dos olhos é estar doente do corpo, pois, enquanto o dente não doer, não há motivos para se preocupar com ele, uma vez que a humanidade adotou como “natural” o fato do dente não doer. Mas, quando ele dói, somos impulsionados ao pensar como recurso para encontrarmos uma maneira rápida e eficiente de aliviar ou fazer parar a dor.

Além disto, formular uma questão é mais difícil do que formular uma resposta. Não devemos confundir “questão” com “pergunta”. “Que horas são?”, por exemplo, não requer uma reflexão para se oferecer uma resposta

satisfatória. Basta-nos olhar para o relógio. Embora exija um conhecimento prévio, um pensamento, não exige, porém, um pensamento debruçado sobre um pensamento, um pensamento que se debruça sobre si mesmo, ato que caracteriza o que chamamos de “reflexão”. Era por isto que Aristóteles, nos *Tópicos*, alertava que quem está apto para formular uma questão já sabe a metade da resposta. Portanto, uma resposta dirigida a uma pergunta é menos profunda do que uma resposta dirigida a uma questão, haja vista que esta última exige uma reflexão.

Assim, somente a má Filosofia, a doutrinação, não está a serviço da liberdade do homem e, ao apresentar verdades prontas, não permite a existência de indivíduos que sejam capazes de pensar a condição humana recorrendo à sua própria cabeça; esforçam-se, ao contrário, por inibir tanto a existência do sonhar, quanto a existência da esperança no seio do povo. É que ter esperança e ter sonhos são atos perigosos. A esperança não deve ser tomada, aqui, apenas como um ato de aguardar que algo bom ocorra, mas, por aguardar algo bom é sinal de que não se está satisfeito com a ordem vigente. Neste sentido, a esperança deve ser concebida como um estado de inconformismo ante a ordem vigente e, portanto, algo perigoso, porquanto revolucionário.

Do mesmo modo, aquele que sonha é alguém que está desejando uma situação melhor do que aquela que lhe é vigente. Além disto, o sonhador, ao comunicar seu sonho a outrem, poderá iniciar uma arregimentação, uma grande adesão ao seu sonho ou ao seu modo de sonhar, de modo que, do sonhar individual se tem, agora, um sonhar coletivo. Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, elege como um dos componentes, que deve estar presente na formação de um povo, a existência efetiva de um sonho comum. Aliás, “A banda”, de Chico Buarque, falava de um sonho comum ao qual cada componente da sociedade, deixando seus negócios mesquinhos e particulares, aderiam ao sonho comum; embora durasse tal adesão apenas o ínfimo tempo em que a banda passava. O sonhar coletivo, pois, é perigoso, porquanto ser um veículo que tem impulsionado e alimentado a humanidade, mesmo sob as mais ferrenhas ditaduras. É por isto que a classe dominante se apressa em antecipar os sonhos dos povos dominados. Não é de estranhar que as emissoras comerciais de televisão tenham investido muito alto nisto e, malgrado os esforços dos educadores, conseguido metamorfosear homens, mulheres e crianças em mortos-vivos, em fantoches, em zumbis, alguém que já não tem vontade própria. Já não sonham por si mesmo. Riem quando a classe dominante ri; choram quando a classe dominante chora; desejam quando e o que a classe dominante

deseja. Assim, por terem perdido a faculdade e a liberdade de sonhar, deram um passo atrás na evolução da espécie humana, e, por se utilizarem das cabeças dos outros para agirem, já não pensam e sentem imensa preguiça e desdém quando são convocados a pensar.

Não é à toa, pois, que, para evitar este estado de coisas, Platão já ensinava que a preguiça é amiga da dominação e que o debate filosófico, mesmo sabendo de antemão que não se chegará a conclusão definitiva alguma, torna os debatedores melhores cidadãos, seres mais humanos que os preguiçosos, aqueles que desdenham o valor da Filosofia na formação do homem integral.

6. Considerações finais

Todavia, este desdém atual à Filosofia é malicioso ou é ingênuo. Malicioso quando provém de alguém que sabe o valor e o papel da Filosofia, mas se apressa em escondê-los para que a situação vigente que lhe beneficia permaneça; ingênuo quando provém de alguém que, desconhecendo o valor e o papel da Filosofia na formação do homem integral, termina por se colocar em consonância com o discurso desdenhoso dos maliciosos.

Entretanto, no que pese o desdém à Filosofia, é provável que a indagação corrente a respeito do que é Filosofia advenha de algo mais profundo. De fato, “o que é Física?” não é uma questão física, “o que é Química?” não é uma questão química, “o que é Matemática?” não é uma questão matemática, porém “o que é Filosofia?” é uma questão filosófica. Sendo, então, uma questão filosófica, ela se coloca para além do escopo do conhecimento do não-filósofo. Em consequência, este sente enorme dificuldade para compreendê-la e indaga ao filósofo em que consiste o seu campo do saber. Entretanto, como o filósofo não indaga ao filósofo “o que é Filosofia?”, o filósofo intui o que é Filosofia, mas sente enorme dificuldade para responder ao não-filósofo o que é Filosofia. E, quando se vê acossado pela indagação de um não-filósofo, faz um enorme esforço para responder. Ao compreender que a resposta tem que ser convincente e consistente, monta, então, a estratégia de fornecer uma gama considerável de informações, iniciando pela formação etimológica da palavra “filosofia”, passando ao relato histórico das concepções atribuídas aos grandes filósofos, ao final do qual o não-filósofo, que esperava uma resposta

simples, condicionado pelos hábitos do apertar botões adquiridos da vida da sociedade tecnológica, sente-se ludibriado, enrolado por mera retórica desprovida de sentido, por discursos escamoteadores da questão central, e passa a acreditar que o filósofo é um ente estranho e inútil, que vive fora da realidade e que se alimenta de devaneios lingüísticos. Daí ao desdém é só um passo, vindo traduzido em expressões, tais como: “lá vem ele com sua filosofia”, “pronto, já começou a filosofar”, “ah, temos, aqui, um filósofo?”.

Mas, então, “vais dizer o que é Filosofia ou vais continuar com esta verborréia como os outros?”, diria já, impaciente, um possível leitor destas linhas. Ora, como foi dito acima, o campo privilegiado da Filosofia não é a verdade, a certeza ou a explicação, mas a dúvida, de modo que arriscaríamos a dizer que Filosofia é a via racional pela qual se toma consciência dos limites da imensidão da nossa própria ignorância.

Referências

ALVES, R.. *Filosofia da ciência*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HAWKING, S. *O universo numa casca de noz*. São Paulo: Ediouro, 2001.

HEISENBERG, W. *Física e Filosofia*. Brasília: EdUnB, 1973.

SAGEN, C. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Bibliografia adicional

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edição trilingüe grego/latim/espanhol. Madri: Gredos, 1990.

LAÉRCIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1977.

SOARES, Antônio Jorge. Uma ou duas coisas que eu sei a respeito da necessidade do filosofar. Mossoró, 2002. (Aula Inaugural do Curso de Filosofia de Caicó, proferida em março de 2002).